



ouverture_pre.lú.di.o. Tradução

Jerónimo Pizarro
Universidad de los Andes

Ana Salgueiro
CECC - Universidade Católica Portuguesa

DOI: 10.34640/universidademadeira2024pizarrosalgueiro



TRADUÇÃO

Nothing is translatable [...] Everything is translatable

Emily Apter (2006), "Twenty theses on translation", *The translation zone*, pp. xi-xii.

Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente le pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas, y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil [...]. El asombro, la cólera, el horror o la divertida perplejidad que sentimos ante los sonidos de una lengua que ignoramos, no tarda en transformarse en una duda sobre la que hablamos [...] Cada texto es único y, simultáneamente, es la traducción de otro texto [...]. Pero [...] todos los textos son originales porque cada traducción es distinta.

Octavio Paz (2009 [1970]), "Traducción: literatura y literalidad", pp. 8-14.

Em 2009, no seu "A mobility studies manifesto", Stephen Greenblatt assumia que a mobilidade é uma dinâmica decisiva na construção das culturas, não ignorando que a transferência cultural e os cruzamentos e adaptações daí emergentes são condicionados por assimetrias de poder nem sempre evidentes, mas potenciadoras do risco de conflitos, de hegemonias, de exclusões e de apagamentos. Essa mobilidade terá sido, desde sempre, o verdadeiro motor da edificação cultural, mesmo quando nos reportamos a sistemas culturais conservadores ou mais insulados, que se definem por uma maior fixidez dos seus valores e circunstâncias. Uma fixidez não raras vezes confundida com a falácia da pureza étnica e da fidelidade a uma cultura original. Porém, no mesmo manifesto, Greenblatt interrogava também o proclamado triunfo do cosmopolitismo e as teorias que conceberam o contemporâneo como um campo inovadoramente fértil em hibridismos, chamando a atenção para o logro epistemológico e para o risco político que a aceitação acrítica destas verdades poderia constituir. Afirmava, então:

Cultures are almost always apprehended not as mobile or global or even mixed, but as local [...] strikingly enmeshed in particular times and places and local cultures [...]. Indeed one of the characteristic powers of a culture is its ability to hide the mobility that is its enabling condition [...]. A study of cultural mobility that ignores the allure (and, on occasion, the entrapment) of the firmly rooted simply misses the point. Theory and descriptive practice have to apprehend how quickly such a sense of the local is often established and also how much resistance to change the local, even when it is of relatively recent and mixed origin, can mount.

(GREENBLATT, 2009: 252-253)

Polêmicas e merecedoras de debate (como, de resto, se espera de um manifesto), as palavras de Greenblatt, no entanto, têm a virtude de nos levar a pensar os sistemas culturais (e em particular os

contemporâneos) como lugares de permanente tensão e negociação entre, por um lado, mobilidade, transformação e (r)evolução (LOPES e MONIZ, 2022: 7); e, por outro, resistência à diferença e ao novo, apostando na homogeneização estabilizadora dos discursos culturais e na fixação de fronteiras geopolíticas, históricas, linguísticas ou até disciplinares, conceituais e ideológicas.

Reconhecendo a importância e a atualidade das questões levantadas por Greenblatt, a revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* aceitou o desafio reflexivo proposto pelo crítico norte-americano no seu manifesto de 2009, ao eleger a tradução como tema de capa para a edição anual impressa do seu n.º 5. Isto, sem esquecer que o manifesto de Greenblatt, na verdade, acompanha o *translational turn* verificado no estudo das culturas a partir das últimas décadas do século XX, propondo um entendimento das constelações culturais como zonas de tradução, ou (citando Emily Apter), como “sites that are ‘in-translation’”: lugares onde se situam “the epistemological interstices of politics, poetics, logic, cybernetics, linguistics, genetics, media, and environment” (APTER, 2006: 6). Esses interstícios – ou *intervalos* ou *interlúdios*, em palavras de Fernando Pessoa – lembram os que já Homi Bhabha destacara nesse livro célebre, *The Location of Culture*, quando discutia o *transnational* e o *translational*:

It is in the emergence of the interstices – the overlap and displacement of domains of difference – that the intersubjective and collective experiences of nationness, community interest, or cultural value are negotiated. How are subjects formed ‘in-between’, or in excess of, the sum of the ‘parts’ of difference (usually intoned as race/class/gender, etc.)?

(BHABHA, 1994: 252)

Em certa medida, é neste quadro que podem ser lidos alguns dos textos agora publicados na *TRANSLOCAL*. Se, por um lado, o ensaio visual de **Hugo Barros** – com o título “Deve-se acreditar nos arquitectos, na tradição?”, tomado de empréstimo a um *verso-pergunta* de Herberto Helder (HH) e dando testemunho do processo criativo que, entre 2016-2021 e a partir de um poema do autor madeirense, levou o arquiteto a conceber a *Casa de Férias* no norte de Portugal – reflete sobre a criação arquitetónica, entendendo-a, justamente, como uma *translation zone* (o lugar impuro, onde se cruzam e se reescrevem/redesenham/recriam muitos outros discursos, incluindo o da própria poesia de HH); por outro lado, ensaios como o de **Patrícia Lavelle**, ou artigos como os de **Álvaro Faleiros** e de **Felipe Cammaert** demonstram, igualmente, como as culturas contemporâneas se encontram efetivamente marcadas por fenómenos de mobilidade e transferência cultural que colocam em causa a fixidez dos limites geopolíticos e das fronteiras entre línguas e entre culturas. Fenómenos esses que, quando analisados em profundidade, trazem à evidência as marcas subjetivas, a presença ideológica e as relações de poderes entre múltiplas diferenças que subjazem a toda a edificação cultural e a todo o ato tradutório.

Assim, o “percurso ensaístico com poemas” de **Patrícia Lavelle** conduz-nos ao reencontro com o “motivo” da mítica Babel que “atravessa um conjunto” de peças literárias de sua autoria aqui revisitadas, precisamente para refletir sobre a “ilusão de uma fala única e unificadora”, o arriscado “desejo de uma linguagem suprema, de uma pura linguagem, perfeitamente transparente” e, por outro lado,



TRADUÇÃO

sobre a “efetiva pluralidade linguística”, a falência do “monolinguismo” e a “relativa opacidade no interior de cada língua”: afinal, em rigor, “toda palavra é estrangeira”, como nota Lavelle, ou, como reclama Bhabha, toda a palavra faz parte de um “unhomely world” (BHABHA, 1994: 15). Tudo isto, numa contemporaneidade marcada por acelerados trânsitos transformadores, por encontros, desencontros e reencontros de vária ordem, exemplarmente ilustrados pelo percurso biográfico e bibliográfico da própria ensaísta, que mostra como a tradução (entre línguas, entre culturas, entre áreas do saber, entre textos) acompanha e modela, de facto, as nossas vidas, o nosso corpo, o nosso pensamento e, em última análise, o próprio ato criativo.

Álvaro Faleiros, tomando como objeto de análise a obra do escritor, antropólogo e tradutor peruano José María Arguedas (em particular, o seu ensaio “Entre el kechwa y el castellano. La angustia del mestizo”), onde se assiste a uma “permanente tensão entre as línguas-cultura quechua e espanhola”, interroga “os limites e as implicações da transculturação” na vida e na obra de Arguedas, assim como a relação desse processo antropológico com a tradução. Para Faleiros, a obra múltipla de Arguedas define-o como um “cultural translator, not only because of his training as an anthropologist, but also because of the worldview he brings with him” (quer na criação literária, quer na ação cultural mais abrangente). Algo que o faz “act as a mediator between cultures, both from Quechua to Spanish and from Spanish to Quechua”, adotando “processes of narrative creation, critical reflection and translation”, que ilustram claramente “the tensions and strategies of the *mestizo* writer in the face of the linguistic reality of colonization”.

Felipe Cammaert, abordando também as relações de poder herdadas do colonialismo e o seu impacto quer na “literatura posimperial portuguesa” quer na “traducción intraeuropea” desse *corpus* literário (para espanhol e francês), problematiza (como, de resto, também aconteceu com Arguedas) a (im)possibilidade da tradução em contextos coloniais e pós-imperiais. Evocando *The 2023 Manifesto on Literary Translation*, recentemente publicado pelo *PEN America Translation Committee*, Cammaert sublinha algumas reivindicações patentes nesse manifesto, nomeadamente: “el reconocimiento de la naturaleza eminentemente creativa” e “hermenéutica” da “traducción literaria”, a qual, portanto, deve ser lida como “una forma especializada de escritura”, como uma tradução que verdadeiramente “*n’est pas une traduction*” de um texto *original*, mas antes um texto outro, paralelo a esse suposto *original*, que, autonomamente, “vehicula toda una visión cultural y política de la realidad que (d)escribe”. Assim, longe de ser entendida como uma atividade inócua, “puramente funcional y mecánica”, a tradução é (para os signatários do manifesto e também para Cammaert) um ato “notoriamente político y cultural”, com relevantes “implicaciones en la comprensión intercultural de nuestro mundo”, integrada “dentro de un universo epistemológico global que, a su vez, confiere al traductor un poder más amplio y una mayor responsabilidad en su tarea”. Para Felipe Cammaert, esta responsabilidade (ética) do tradutor (extensiva a editores, instituições culturais e aos próprios leitores) “es particularmente relevante para el caso de la traducción de textos poscoloniales”, contribuindo decisivamente para que a tradução, mais do que fiel à literariedade do texto de partida, seja sobretudo fiel à “naturaleza poscolonial” dessas obras literárias.

Ainda a respeito do *translational turn* ocorrido no estudo dos sistemas culturais (contemporâneos e não só), importa lembrar, com Doris Bachmann-Medick, que ele acompanhou uma “cultural turn” operada na área dos Estudos de Tradução, cujo objeto de estudo foi sendo gradualmente alargado, assumindo não raras vezes significações metafóricas (BACHMANN-MEDICK, 2016: 175-176).

Em alinhamento com este sentido metafórico atribuído à tradução – de resto, já equacionado por Octavio Paz na citação que acima tomámos por epígrafe e que Alberto Manguel também retoma no seu recente livro *O avesso da tapeçaria - Notas sobre a arte da tradução*, traduzido por Rita Almeida Simões e aqui recenseado por **Paulo Nóbrega Serra** –, o ensaio visual de **Vítor Magalhães**, intitulado “pequeno inventário para uma mesa”, reúne um conjunto de imagens e de citações de diversos autores, referentes ao objeto mesa e à pluralidade dos sentidos que esta palavra pode assumir. Trata-se de um “inventário” (como o título indica e a disposição gráfica das imagens quer sublinhar) que, retomando o projeto expositivo *Índice de matérias [sobre objectos e outras fantasmagorias]*, apresentado pelo artista em 2022/2023, no MUDAS - Museu de Arte Contemporânea da Madeira, coloca à discussão, recorrendo a um discurso artístico-experimental, a possibilidade de entendermos a própria nomeação (de objetos) do mundo como um ato tradutório, com tudo o que isso implica: a “tradução da realidade de um objecto”, no “sentido de movimentar por meio da linguagem [...] concepções, propósitos, intenções”, “ilações, encontros, desencontros, estranhezas, dispersões, aberturas, interrupções, deliberações, movimentos, acusações, consolidações, deambulações, ficções”.

Por seu lado, **Rita Bueno Maia**, tomando como objeto de reflexão a sua própria “experiência de traduzir a peça *La omisión de la familia Coleman* de Claudio Tolcachir para a Companhia Artistas Unidos”, mostra como a “tradução para teatro” é hoje entendida, quer por tradutores/as, quer por companhias de teatro, como um processo extremamente complexo, que exige bem mais do que a *simplex* (?) transferência do texto dramático escrito na sua língua de partida para um outro texto, escrito numa outra língua de chegada. Cruzando organização e análise arquivística do seu rico “genetic dossier of the Portuguese language translation of Claudio Tocachir’s play”, com observação etnográfica do processo de encenação e de interpretação da peça (outras formas de tradução, realizadas por outro tipo de tradutores), e com uma empenhada revisão autocrítica de todo o seu percurso tradutório, Rita Bueno Maia demonstra a natureza necessariamente compilativa da tradução para teatro (e não só): uma rede plural que se abre a dinâmicas de “translation from translation” e de “translation for translation”, entendendo que o texto de chegada terá de ser também obrigatoriamente “‘plural’ in nature”.

Mas outros textos aqui reunidos se ocupam dos desafios da tradução, adotando registos bem distintos.

No ensaio-visual “É um cuidar que ganha em se perder”, **Paulo Faria**, tradutor de *Blood Meridian* de Cormac McCarthy, jogando com o cruzamento de imagens de rua (ou, melhor, de imagens que irreverentemente conquistaram o espaço público de uma cidade anónima) ora com a paráfrase elíptica da fábula do romance, ora com comentários acerca do (seu) processo tradutório, cria um discurso marcadamente irónico (evidenciado desde o título parodiado de Camões e a seleção desconcertante das imagens que o integram), cuja obliquidade nos permite rever na paráfrase da história da conquista



TRADUÇÃO

do território mexicano pelos “caçadores de escalpes” de McCarthy, o espelho da *épica* aventura de traduzir, hoje, um texto de uma língua para outra, de tomar para si a estranheza do universo do outro. Uma conquista feita de “perdas e ganhos”, em que, afinal, como conclui Paulo Faria, todos se encontram “algures a meio caminho, invasores e invadidos”, numa troca contínua e necessária “antes que rebente a violência”.

Num registo também testemunhal, mas muito diverso do de Paulo Faria, **Clara Cuéllar dos Santos**, em “‘A mísera velhinha’, de Rafael Pombo”, partilha com o leitor não só a sua tradução para português desse poema do autor colombiano (uma tradução realizada no âmbito da licenciatura em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), mas também os princípios teóricos, as *normas* de tradução seguidas e as dificuldades com que foi confrontada, nomeadamente na tradução de passagens textuais referentes à morte, quando sabia que o leitor privilegiado do texto em português seria infantil. Ao desafio de traduzir um poema, respeitando de algum modo as exigências formais da métrica, da rima e do ritmo que o texto de partida apresentava, sem violentar os sentidos poéticos do texto, juntava-se, neste caso, a necessidade de equacionar o melhor modo de falar sobre a morte a crianças lusófonas.

É ainda sobre os limites da tradução que **Dirce Waltrick do Amarante** discorre no seu ensaio “O tigre e a cicatriz: as metáforas da tradução”, declaradamente inspirado no conto “*Dreamtigers*”, do escritor argentino Jorge Luis Borges, e em que a autora aplica as considerações por si apresentadas na primeira parte do ensaio, na parte final do seu texto, onde analisa duas traduções para leitores brasileiros de limeriques do autor vitoriano Edward Lear. Comparando “o narrador da história” de Borges com o “tradutor de literatura”, ambos assombrados ora pelo esplendor dos *tigres* que não habitam o seu mundo (outra forma de dizer os textos literários escritos em outras línguas e pertencentes a outras culturas), ora pelo desejo de, através da sua própria linguagem, os resgatar para o seu quotidiano mais doméstico, Dirce Waltrick do Amarante identifica em ambos (narrador de Borges e tradutor), concluída a tarefa de tradução, o reconhecimento de uma “mesma sensação de fracasso ou de incompetência diante da ‘reprodução’” pretendida; ou seja, uma aguda consciência crítica sobre o seu fazer tradutório que, porém, não os inibe de continuar a tentar. À semelhança do narrador do conto de Borges, o tradutor “conhece o texto e o autor a serem traduzidos; pesquisa sobre eles, disseca-os”, mas “também conhece as ‘falhas’ (entre aspas) ou ‘impropriedades’ (também entre aspas) de sua versão para outra língua e outra cultura”. Trata-se de uma situação que, como salientam múltiplos autores (entre os quais, como já vimos, alguns publicados nesta edição da *TRANSLOCAL*), levanta questões éticas relativamente à apresentação dos textos traduzidos aos leitores. Sobretudo àqueles que desconhecem os textos de partida e quando a tradução lhes é apresentada sem “um arranhão de tigre, uma marca ou cicatriz que a remeta à sua origem”; sem uma “prova de que ambos os textos são o ‘mesmo’ (também entre aspas), apesar de o percurso de uma língua para a outra sempre implicar modificações”; sem dar a ver a mediação protagonizada pelo tradutor e que este, sendo conhecedor dos segredos do *texto-tigre* original (alguns dos quais, segundo Waltrick do Amarante, devem ser partilhados com o leitor), tem legitimidade para assumir essa tarefa.

De facto, e como se pode confirmar pela leitura dos contributos que a *TRANSLOCAL* reúne na presente edição, o conceito de tradução libertou-se do paradigma linguístico-textual e de categorias e questões que, ao longo de séculos, ocuparam o seu estudo (original, equivalência, fidelidade...). Trata-se de uma mudança compreensível num presente pós-moderno, pós-colonial e globalizado, onde as fronteiras se tornaram mais porosas, as relações de poder se complexificaram e as hierarquias perderam a rigidez que haviam mantido durante largos séculos. Embora não esquecendo aquelas questões e os muitos desafios linguísticos, textuais e representacionais colocados no processo de transferência de um texto de uma língua de partida para outra língua de chegada, num gesto que é sempre de apropriação recreativa, ora mais domesticadora, ora mais estrangeirizante, como também demonstrou Antoine Berman (1991), os Estudos de Tradução adotaram este novo conceito alargado de tradução, passando a ocupar-se (como aqui podemos confirmar) de outros processos recontextualizadores de trânsito, transferência, apropriação e/ou resistência, operados (de forma nem sempre visível) em domínios não apenas verbais e literários, como os das práticas antropológicas e sociais, dos discursos não verbais, dos modelos estéticos, das metodologias, dos conceitos e valores ou das diferentes áreas disciplinares. Reconhecendo-se a complexidade, a transversalidade e a relevância que a mobilidade cultural e, conseqüentemente, os processos tradutórios hoje assumem, a tradução passou, assim, a constituir uma categoria de análise imprescindível não só para o estudo e a compreensão da relação entre textos e línguas, mas também, de forma mais alargada, para o estudo e a compreensão dos próprios sistemas ecossocioculturais e académicos, quer no que diz respeito à tessitura das suas identidades e à (in)definição das suas fronteiras, quer no que diz respeito às dinâmicas de poder que sempre lhes subjazem.

Neste quadro, não deixa de ser surpreendente que, quase 30 anos depois da publicação do seminal *The translator's invisibility* de Lawrence Venuti, a invisibilidade do tradutor e da tradução permaneça ainda de forma tão marcante nos sistemas culturais contemporâneos. Algumas correções a este respeito têm vindo a ocorrer muito paulatinamente, mas essa invisibilidade mantém-se (por vezes subliminarmente), com todas as consequências que ela implica, ora na receção e interpretação dos textos traduzidos, ora na perceção da diferença e da complexidade do mundo.

Para este problema chamam a atenção, no presente n.º 5 da *TRANSLOCAL*, **Dirce Waltrick do Amarante, Álvaro Faleiros, Felipe Cammaert e Rita Bueno Maia**. E contra essa invisibilidade se manifestaram também, em 2023, os subscritores do *Manifesto on Literary Translation*, aqui referido por Felipe Cammaert, onde assumem destaque quer a reivindicação do respeito pelo trabalho dos tradutores e pela sua dignificação, quer a responsabilização ética da tradução no mundo contemporâneo, ou seja, a responsabilização ética do tradutor, mas também de todos os outros agentes culturais de que depende a publicação de uma tradução (editores, revisores, livreiros, leitores, críticos, ...), não esquecendo as implicações culturais, políticas e até epistemológicas que lhe subjazem.

Procurando contribuir para a dignificação da tradução, das tradutoras e dos tradutores, um processo que, indubitavelmente, terá de passar pela *desinvisibilização* do importantíssimo papel que eles tiveram, ao longo de séculos, na (re)definição das culturas, a *TRANSLOCAL* quis propositadamente dar



TRADUÇÃO

protagonismo à tradução, a tradutoras e a tradutores em várias secções deste seu n.º 5. Desde logo, na secção **“OLHARES CRUZADOS | CROSSED VIEWS”** onde reunimos **duas pequenas antologias de poemas selecionados e traduzidos por Jerónimo Pizarro e Ana Salgueiro**: num caso, poemas assinados por autoras e autores colombianos; no outro, por autoras e autores portugueses nascidos na Madeira. Através destas duas brevíssimas antologias e das traduções nelas apresentadas, a *TRANSLOCAL* quis colocar em circulação transatlântica (desde o momento inicial da seleção textual) textos de dois sistemas culturais que muito provavelmente nunca se tinham encontrado de forma tão íntima. Poemas originalmente escritos em espanhol por alguns dos maiores nomes da poesia contemporânea colombiana (**Aurelio Arturo, María Mercedes Carranza, Juan Manuel Roca, Darío Jaramillo e Piedad Bonnett**) poderão agora ser lidos na *TRANSLOCAL*, quer na versão *original*, quer em tradução para português; e poemas originalmente escritos em português por alguns dos nomes mais relevantes da poesia madeirense contemporânea (**Cabral do Nascimento, Edmundo de Bettencourt, Herberto Helder, dalila teles veras e Teresa M. G. Jardim**) encontram-se, agora, com a poesia colombiana e com os nossos leitores, quer na versão *original*, quer em tradução para espanhol.

De igual modo, a secção **“SUGESTÕES DE LEITURA | BOOK REVIEWS”**, destinada à divulgação de bibliografia recente relacionada com o tema de capa da *TRANSLOCAL*, inclui, desta vez, duas resenhas a duas obras traduzidas: uma de um autor estrangeiro (Alberto Maguel), publicada em Lisboa; outra, de um autor português (Mário de Cesariny), publicado em Bogotá, cidade que acolhe as instituições que colaboraram, como parceiras, na coordenação do n.º 5 da *TRANSLOCAL*: a Universidade de los Andes, através da Cátedra de Estudos Portugueses Fernando Pessoa, uma das cátedras do Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

O *Avesso da Tapeçaria - Notas sobre a arte da tradução* de Alberto Manguel, recentemente publicado pela Tinta-da-China, em 1.ª edição e em versão traduzida por Rita Almeida Simões, é aqui apresentado por **Paulo Nóbrega Serra**, podendo ser entendido segundo o recenseador, como “uma declaração de amor do bibliófilo Alberto Manguel aos tradutores e à tradução, que trabalhou, ele próprio, como leitor e tradutor para várias editoras”. E se o tema (explicitado no subtítulo) revela, por si só, a importância que Maguel confere à tradução e aos tradutores e às tradutoras, a opção deste autor (nascido em Buenos Aires, nacionalizado canadiano e *viajante-residente* em múltiplos países) por dar à estampa este seu livro sobre a “a arte da tradução”, em primeira mão, numa edição traduzida, reforça inequivocamente esse gesto de reconhecimento e louvor.

Por seu lado, **Maria Silva Prado Lessa**, investigadora que se tem dedicado ao estudo da obra de Mário de Cesariny, apresenta-nos a “recém-publicada antologia *Ejercicios espirituales*”, publicada na Colômbia em 2023, pela Ediciones Vestigio, cuja chancela Puro Pássaro, desde 2018, vem disponibilizando aos leitores colombianos e ibero-americanos poesia portuguesa contemporânea, em cuidadas edições bilingues, onde, à versão em português dos poemas selecionados, se juntam a respetiva tradução para espanhol e trabalhos de criação visual que, na capa ou mesmo no interior do livro, ilustram (traduzem?) os poemas publicados.

Organizado e prefaciado por Rui Sousa (também especialista na obra de Cesariny) e contando com a meritória tradução para espanhol assinada por Nicolás Barbosa, *Ejercicios espirituales*, segundo Maria Lessa, “representa uma grande contribuição para os estudos e para a divulgação” da obra do surrealista português “nas Américas”. É “a primeira publicação inteiramente dedicada à poesia de Cesariny no continente”, procurando, assim, resgatar a ligação do surrealismo português com o continente americano, numa aproximação que próprio Cesariny quis estabelecer, nomeadamente com “o mexicano Octavio Paz, com os brasileiros do Grupo Surrealista de São Paulo, como Sergio Lima, e com os surrealistas estadunidenses”, “em prol da manutenção de uma ampla rede internacional surrealista”, não circunscrita ao continente europeu. Criador de uma obra plural com “caráter labiríntico e movediço”, gerado a partir de um processo criativo em que o “artista [...] revisita com frequência seus objetos, temas, poemas e imagens para os mudar de lugar, trocar um ponto ou uma palavra, ou, então, para dizer que é tudo o contrário do que havia dito anteriormente”, Cesariny é um poeta difícil de antologiar, desde logo por ter promovido “uma reorganização e um atravessamento de fronteiras contínuos da sua poesia escrita que continua em movimento mesmo depois da sua morte”. Porém, segundo Maria Lessa, os “55 poemas traduzidos, acompanhados da versão original em português, e por “You are welcome to Cesariny”, ensaio luminoso assinado pelo organizador”, fazem com que *Ejercicios espirituales* ultrapasse essa dificuldade, cumprindo “o desejo” que determinou a edição desta antologia bilingue e com poesia traduzida: “apresentar o poeta a um público [...] americano falante de espanhol”, ilustrando o “amplo arco temporal e processual da obra que apresenta”.

And last but not least..., uma referência ao “*Bréviaire d’un traducteur*”, pequena seleção de 10 aforismos escolhidos pelo seu autor, o tradutor e escritor luso-francês **Carlos Baptista** que, nos interstícios do seu labor tradutório, pensa e escreve sobre ele. Selecionados a partir de *Traducteur, auteur de l’ombre*, que Carlos Batista publicou em Paris, pela Éditions Arléa, em 2014 (na verdade, uma reedição aumentada e com novo título do seu livro publicado em 2003 pela mesma editora parisiense, e então intitulado *Bréviaire d’un traducteur*), estes pequenos textos que nos falam sobre os desafios, os mistérios e a sabedoria dos tradutores são aqui (re)apresentados ao leitor português, em tradução para português por **Rita Almeida Faria**, não só com o justo propósito de conceder à tradução o devido protagonismo na secção “**DIÁLOGOS | DIALOGUES**” deste n.º 5 da *TRANSLOCAL*, mas também para dar voz ou, melhor, a palavra aos tradutores e às tradutoras. Afinal, como eloquentemente nos diz o “tradutor esquizofrénico” de Carlos Batista, pelas palavras de Rita Almeida Faria, “Traduzir é escrever acompanhado”.



TRADUÇÃO

Referências bibliográficas

- APTER, Emily (2006), *The translation zone. A new comparative literature*, Princeton: Princeton University Press.
- BHABHA, Homi K. (1994), *The location of culture*, London and New York: Routledge.
- BACHMANN-MEDICK, Doris (2016), *Cultural turns. New orientations in the study of culture*, translation by Adam Blauhut, Berlin/Boston: De Gruyter.
- BALDERSTON, Daniel y Marcy E. SCHWARTZ, comp. (2018), *Voces en off. Traducción y literatura latinoamericana*, trad. María del Mar Ravassa y María Candelaria Posada, Bogotá: Ediciones Uniandes.
- BARRENTO, João (2002), *O Poço de Babel. Para uma poética da tradução literária*, Lisboa: Relógio D'Água.
- BERMAN, Antoine (1991), *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, Paris: Seuil.
- FARIA, Dominique, Marta PACHECO and Joana MOURA, eds. (2022), *Reframing translators, translators as reframers*, New York & London: Routledge.
- GREENBLATT, Stephen (2009), "A mobility studies manifesto", *Cultural mobility: a manifesto*, S. Greenblatt, I. Županov, R. Meyer-Kalkus, H. Paul, P. Nyíri, & F. Pannewick, eds., Cambridge, New York, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo, Delhi: Cambridge University Press, pp. 250-253.
- LOPES, Alexandra e Maria Lin MONIZ, coord. (2022), *Mudam-se os tempos, mudam-se as traduções? Reflexões sobre os vínculos entre (r)evolução e tradução*, Lisboa: Universidade Católica Editora.
- PAZ, Octavio (2009 [1970]), *Tradução: literatura e literalidade*, ed. bilingue, trad. Doralice Alves de Queiroz, Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- VENUTI, Lawrence (2002 [1995]), *The translator's invisibility. A history of translation*, 2nd ed., London/New York: Routledge.